



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**ELISA WHATELY VILLAS BÔAS SILVA**  
**RA: 21118387**

**CHICO BUARQUE NO GERENCIAMENTO DE CRISE**  
**Estudo de como o artista lidou com dilema das biografias não autorizadas**

**BRASÍLIA**  
**2014**

**ELISA WHATELY VILLAS BÔAS SILVA**

**CHICO BUARQUE NO GERENCIAMENTO DE CRISE**

**Estudo de como o artista lidou com dilema das biografias não autorizadas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Me. Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA**

**2014**

**ELISA WHATELY VILLAS BÔAS SILVA**

**CHICO BUARQUE NO GERENCIAMENTO DE CRISE**

**Estudo de como o artista lidou com dilema das biografias não autorizadas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Me. Luiz Cláudio Ferreira

**Brasília, junho de 2014**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira**  
**Orientador**

---

**Examinador (a)**

---

**Examinador (a)**

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.*

*Carl Gustav Jung*

## AGRADECIMENTOS

*Ao meu pai, Carlos, e minha mãe, Márcia, sem vocês nada seria possível. Obrigada pela compreensão, generosidade e confiança. Vocês são os melhores pais que eu poderia ter.*

*Aos meus irmãos, Lucas e Rebeca. Todo o meu amor por vocês.*

*Aos amigos, que são a família que a gente escolhe. Obrigada por tudo. Pelo apoio, carinho e compreensão.*

*Aos colegas de faculdade, em especial à Karla Larissa, pelo incentivo, pela troca e por deixar a missão do TCC mais leve e divertida.*

*Aos meus professores, que ao longo do curso compartilharam seus conhecimentos e sabedorias.*

*Ao mestre (e amigo) Luiz Cláudio, pela paciência, generosidade e atenção.*

*Obrigada.*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o estudo de caso sobre os danos à imagem e as reações de comunicação do cantor e compositor Chico Buarque em relação ao caso das biografias não autorizadas ocorrido em 2013. A função do assessor de imprensa, a definição do que é crise e a exposição dos fatos, que causou excessos, as consequências que isso teve são fundamentais para compreender o que aconteceu com a imagem de Chico Buarque. Por fim, o material de cinco veículos foi analisado em duas tabelas com destaque para o impacto que a fala do cantor teve na mídia, como os veículos trataram a imagem do compositor, o que poderia ter sido evitado e uma possível solução para a crise.

**Palavras-Chave:** Chico Buarque. Crise de Imagem. Biografias não autorizadas. Assessor de Imprensa. Mídia.

## ABSTRACT

This work aims to present a case study on the damage to the image and the reactions of communication of singer-songwriter Chico Buarque regarding the case of unauthorized biographies occurred in 2013.'s Press secretary function, the definition of what is crisis and the statement of facts that caused excesses, the consequences it has had are key to understanding what happened to the image of Chico Buarque. Finally, the material was analyzed five vehicles in two tables highlighting the impact that speech the singer had in the media, such as vehicles handled the image of the composer, which could have been avoided and a possible solution to the crisis.

**Keywords:** Chico Buarque. Image crisis. Unauthorized biographies. Press Officer. Media.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** – Observação do papel de Chico Buarque como personagem da história.....**28**

**Tabela 2** - O fato, a pró-atividade e a reatividade .....**30**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>1 ASSESSORIA DE IMPRENSA</b> .....	<b>11</b>
1.1 História da Assessoria de Imprensa – no Brasil e no mundo .....	11
1.2 O trabalho do Assessor de Imprensa .....	13
1.3 O que é Gestão de Imagem .....	14
<b>2 O QUE É CRISE</b> .....	<b>15</b>
2.1 Gerenciamento de risco .....	15
2.2 Gerenciamento de crise .....	17
2.3 Como agir diante da crise.....	18
<b>3 A CONFUSÃO COM CHICO BUARQUE</b> .....	<b>20</b>
3.1 Personagem .....	21
3.2 Chico e a Ditadura.....	22
3.3 Procure Saber .....	24
3.4 Disse me disse (Paulo César de Araújo x Chico Buarque) .....	25
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
4.1 Aplicação do estudo de caso para este trabalho.....	27
<b>5 ANÁLISE</b> .....	<b>28</b>
5.1 Repercussão na mídia.....	32
5.2 Lições da crise .....	32
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>36</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base uma análise da imagem de Chico Buarque de Hollanda, compositor e cantor, que se envolveu na polêmica das biografias não autorizadas.

No final do ano de 2013, uma questão polêmica, envolvendo grandes artistas da música popular brasileira, foi capa de muitos jornais e revistas e despertou a opinião de muitos brasileiros que se expressaram por meio das redes sociais, aumentando ainda mais o ciclo da discussão. De um lado: Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Djavan, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e companhia. Do outro: muitos jornalistas e grande parte da população que defende a liberdade de expressão acima de tudo.

A grande controvérsia da história é que os que lutam atualmente pelo direito de preservar a imagem pessoal e para que exista um espaço chamado “privacidade”, são os mesmos que levantavam, há 50 anos, a bandeira da liberdade de expressão em um Brasil reprimido. Os brasileiros, que ainda hoje apoiam esse ideal de liberdade de expressão, logo questionaram a mudança de postura daquele grupo.

A construção de uma imagem de sucesso, a manutenção e a recuperação, caso seja preciso, são os itens fundamentais e provocativos de êxito do trabalho de um bom assessor de imprensa.

No Brasil, há casos de pessoas famosas que causam rebuliços, por falarem de mais ou de menos, pecando por excesso ou por falta. O fato é que a pessoa tem que estar bem instruída e sempre preparada por meio de um trabalho de assessoramento. Chico Buarque foi, em 2013, alvo dessa falta de preparo. Televisão, jornais e revistas noticiaram Chico afirmando não ter concedido entrevista ao jornalista e biógrafo Paulo César de Araújo, autor do livro “Roberto Carlos em detalhes”. Paulo César, por sua vez, tinha como comprovar, por meio de uma gravação em vídeo, que Chico não estava dizendo a verdade. Bastou essa reviravolta para que muitos fãs do compositor e cantor ficassem com um pé atrás e questionassem a sua mudança de postura em relação ao passado.

Outro ponto que desencadeou toda a repercussão da polêmica questão das biografias foi o fato de que a mesma turma, que cantarolava letras que afrontavam o

governo, censurou as publicações que contavam a vida de pessoas públicas sem prévia autorização das próprias pessoas biografadas ou de suas famílias.

O objetivo geral deste trabalho é produzir um estudo de caso sobre os danos à imagem e as reações de comunicação do cantor e compositor Chico Buarque em relação ao caso das biografias não autorizadas, ocorrido em 2013. Especificamente, é necessário entender como a imagem de um artista pode ser arranhada; como era a imagem de Chico Buarque antes e depois do desgaste; qual o papel do assessor de imprensa na preservação da imagem de um cliente; e como seria o processo de recuperação da imagem.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta o que é Assessoria de Imprensa e o trabalho do Assessor de Imprensa através de sua história. Trata também do conceito de Gestão de Imagem, sua teoria e como funciona na prática. O conceito de crise, gerenciamentos de risco e de crise são assuntos do segundo capítulo, onde se pode entender melhor os riscos que ameaçam uma pessoa pública má assessorada e, uma vez arranhada sua imagem, qual é o melhor caminho para a recuperação.

A história de Chico Buarque, a construção de sua imagem, a crise e o arranhão, a confusão e todo o impasse, que motivaram a realização desta monografia, são ilustrados a partir do terceiro capítulo. O quarto capítulo trata da metodologia de avaliação com um estudo de caso. O quinto capítulo é a análise de Chico Buarque como fonte nas reportagens, sua fala, a repercussão e a consequência do fato, e apresenta, ainda, as lições que o gerenciamento de crise pode proporcionar.

## 1 ASSESSORIA DE IMPRENSA

Antes de explorar o caso da crise de imagem de Chico Buarque, é necessário compreender o que de fato é Assessoria de Imprensa e qual o papel do Assessor de Imprensa. De acordo com Federação Nacional dos Jornalistas (2009): “Assessoria de Imprensa é responsável por múltiplas atividades e desempenha papel estratégico na política de comunicação dos assessorados”.

Elisa Kopplin e Luiz Artur Ferraretto (2001) descreveram algumas das atividades realizadas por uma assessoria de imprensa.

Relacionamento com os veículos de Comunicação Social, abastecendo-os com informações relativas ao assessorado (através de *relises*, *press-kits*, sugestões de pautas e outros produtos), intermediando as relações de ambos e atendendo às solicitações dos jornalistas de quaisquer órgãos de imprensa; controle e arquivo de informações sobre o assessorado divulgadas nos meios de comunicação, bem como avaliação de dados provenientes do exterior da organização e que possam interessar aos seus dirigentes; organização e constante atualização de um *mailing-list* (relação de veículos de comunicação, com nomes de diretores e editores, endereço, telefone, fax e e-mail); edição dos periódicos destinados aos públicos externo e interno (boletins, revistas ou jornais); elaboração de outros produtos jornalísticos, como fotografias, vídeos, programas de rádio ou de televisão; participação na definição de estratégias de comunicação (KOPPLIN; FERRARETTO. 2001, p. 13-14).

Portanto, é necessário ponderar que Assessoria de Imprensa é a ligação estratégica entre uma pessoa física ou jurídica com a mídia. E o papel do assessor é estreitar esse laço de forma lógica e inteligente, sem prejudicar a imagem de seu cliente. Para isso, são necessários planejamentos, planos, políticas e estratégias. Este trabalho apresenta, oportunamente, alguns desafios e cuidados com um arranhão de imagem.

### 1.1 História da Assessoria de Imprensa – no Brasil e no mundo

A Revolução Industrial foi a grande responsável pela modernização dos jornais e revistas a partir do século XIX. O surgimento do jornalismo empresarial abranda a insatisfação interna nas grandes corporações industriais, em contraponto à influência crescente das ideologias comunista e anarquista.

A opinião pública começa a ganhar força com a expansão da imprensa. Vários setores da sociedade começam a se preocupar em divulgar as realizações e

seu posicionamento aos leitores. Em 1772, antes da Declaração de Independência dos Estados Unidos, George Washington nomeia Samuel Adams para desempenhar uma função que agregava jornalismo, relações públicas e publicidade. Já em 1829, Amos Kendall dava início à assessoria de imprensa governamental. Ele organizou, durante o governo do presidente norte-americano Andrew Jackson, o primeiro *house-organ* conhecido como *The Globe*.

Em 1906, o norte-americano Ivy Lee abandonou o jornalismo para instaurar o primeiro escritório de assessoria de comunicação do mundo, em Nova Iorque. O intuito era prestar serviços e preservar a integridade de John Rockefeller, um investidor estadunidense. Lee conseguiu reverter a imagem de John, que deixou de ser odiado e passou a ser reverenciado pela opinião pública. Sua estratégia de mudança foi comunicar, com transparência e rapidez, todas as atividades relacionadas a seu cliente.

Segundo Kopplin e Ferrareto (2001):

Na área governamental, a Primeira Guerra Mundial fez com que países, envolvidos no conflito, como Estados Unidos e a Grã-Bretanha, criassem setores específicos para a divulgação de informações. Esta atividade seria repetida, na década de 40, durante a Segunda Guerra Mundial. (KOPPLIN; FERRARETO. 2001. p.21).

No Brasil, durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), a imprensa era fortemente censurada pelo governo. Não havia liberdade de expressão e tudo que era publicado passava pela censura dos militares. Após esse período, a democracia criou forças. Os profissionais de comunicação alcançaram uma importância maior no contexto social, uma vez que a população passou a exigir respostas a suas indagações.

O advento da “transparência” fez com que as empresas públicas e privadas passassem a ter que prestar contas aos cidadãos brasileiros. E para aperfeiçoar e preservar a imagem dessas instituições os jornalistas passaram a desempenhar a função de assessores de imprensa. O assessor era, e continua sendo, o intercessor entre a empresa e a mídia. A função da mídia, por sua vez, é tornar públicas as informações fornecidas pelo assessor.

Porém, a administração dos fluxos de informação e o relacionamento entre fontes e jornalistas são atividades que requerem muitos cuidados. Tudo que se tenciona divulgar exige conhecimento de causa e cautela pelo que a repercussão do

fato pode agregar à imagem do cliente. Portanto, a incorporação de técnicas, critérios e valores éticos do jornalismo é essencial para um trabalho de excelência.

## 1.2 O trabalho do Assessor de Imprensa

A atividade prestada pelo assessor de imprensa, seja em prol de uma pessoa física ou jurídica, é, resumidamente, cuidar da relação de seu cliente com a mídia e preservar sua imagem.

As cartas circulares distribuídas na China, na época da dinastia Han, em 202 a.C. e a *Acta Diurna*, veículo informativo do fórum romano, em 69 a.C. foram as primeiras aparições do trabalho de assessoria. No século XV, a prensa de tipos móveis, elaborada por Joham Gutemberg, representou mais um avanço no ramo das comunicações.

De acordo com Mafei (2008):

Pisar no terreno do relacionamento com a imprensa é tarefa para quem está disposto a desarmar minas terrestres – daquelas com potencial de jogar a imagem de pessoas e organizações pelos ares. É ofício para perseverantes. Muitas vezes, é falar sem ser ouvido, é insistir e ser considerado um chato, é tentar abrir os olhos de quem não quer ver. Mas é também defender quem busca se relacionar bem com a mídia para expor indícios de uma boa gestão (MAFEI. 2008. p. 17).

As ferramentas de uso da Assessoria de Imprensa para divulgação são, entre outras, a elaboração de *press-releases*, sugestões de pauta e *press-kits*, acompanhamento de entrevistas de suas fontes, organização de coletivas, edição de jornais, revistas, *sites* de notícia e material jornalístico para vídeos e preparação de textos de apoio, sinopses, súmulas e artigos.

Cabe ainda ao assessor organizar o *mailling* de jornalistas, o *clipping* de notícias, o arquivo do material jornalístico e a participação na definição de estratégias de comunicação.

É necessário que o profissional tenha todo um aparato para enviar *releases*, fotos, filmagens, pesquisas, fazendo a divulgação adequada do material de interesse institucional.

### 1.3 O que é Gestão de Imagem

A imagem de uma pessoa é construída entre fatos e valores, não só com o que ela cultiva, mas com o que os outros associam a ela. Os dois itens descritos acima, quando positivos, mantêm ou ascendem o posicionamento de imagem.

Segundo Rosa (2001), a imagem pode ser dividida em cinco pilares.

No primeiro pilar estão as imagens que não são fundamentadas apenas em fatos, mas são persuadidas por valores que interferem muito mais do que os fatos, e que pertencem a ela por intenção.

No segundo pilar, os fatos podem atribuir novos conceitos, a partir de novos valores, e modificar a percepção da imagem.

No terceiro pilar, Rosa argumenta que não é necessário viver uma realidade para se convencer da imagem a ela relacionada. Através do conhecimento e da cultura vivenciada, o homem é capaz de construir a sua própria percepção de imagem do mundo, mas aceita como verdade as alegações onde ele não pode chegar.

No quarto pilar, é discutido o simbolismo que está associado à imagem, ressaltando que os valores dependem da cultura que o indivíduo está inserido, portanto, não sendo absolutos.

No quinto e último pilar, indaga-se as condições básicas de uma imagem, que devem ser: “consistência, coerência, capacidade de sobreviver, estabilidade, e capacidade de organização”. E ressalta que, antes de buscar enxergar a verdade de uma imagem, é preciso checar se ela se enquadra nesses requisitos.

A exposição dos cinco pilares, citados por Rosa em seu livro, é ideal para uma gestão em excelência. A interpretação dos fatos depende dos valores a eles atribuídos. Portanto, é muito importante que qualquer mal-entendido seja esclarecido antes de ir à frente com as próximas etapas do trabalho de um assessor. A compreensão do significado de uma imagem é determinante no processo de gerenciamento de crise e em sua própria recuperação.

## 2 O QUE É CRISE

No livro Glossário de Comunicação Pública (2006), os autores Jorge Duarte e Luciara Veras definem crise como um incidente repentino, mas esclarecem que crise é divergente de problema. No aspecto de uma empresa, a deterioração da imagem causada por uma crise não atinge somente a instituição, mas também os empregados.

Segundo Rosa (2003):

Um Plano de Gerenciamento de Crises, sob a ótica da comunicação, é um conjunto de medidas, posturas e consensos capazes de fazer com que o sucesso de uma situação adversa possa ser captado como tal. A imagem transmitida por uma organização ou um líder numa situação de crise é tão ou mais importante do que suas ações. Ou seja, o importante não é apenas o que você faz, mas principalmente como você faz. Partindo, é claro, do pressuposto de que suas ações, objetivamente falando, são corretas. (...) O grande desafio do gerenciamento de imagem em situações de crise é fazer com que a percepção de diversas ações seja a mais positiva possível. “E o Plano de Gerenciamento de Crises é o alicerce de tudo (ROSA. 2003, p. 71).

Assumindo a crise, a primeira coisa a se fazer é agir com rapidez, e é essencial identificar qual a causa do arranhão de imagem. Manter uma imagem positiva é sinônimo de credibilidade.

### 2.1 Gerenciamento de risco

Segundo Rosa (2003), Ian Mitroff, um dos maiores especialistas de crises do mundo, diferencia crise de imagem das demais, considerando que a causa é de princípio humano. Mitroff acredita que essa consideração torna o caso arriscado. Ele destaca que em última premência todas as falhas humanas podem ser conjuradas, ao reverso dos desastres naturais. Por isso, acarretam uma resposta inadequada.

A mais inovadora perspectiva empresarial nos dias de hoje não separa riscos da organização bem sucedida. A “gestão de riscos”, como é conhecida, se estabeleceu como um paradigma sólido, que exige ferramentas complexas que identifiquem e gerenciem fatores críticos do negócio. Antes de qualquer coisa o porta-voz deve ser alguém com técnica e sabedoria, capaz de prevenir o risco e promover a credibilidade da empresa.

O papel de destaque do risco conquistou mentes e corações dos responsáveis pelas estratégias das organizações, e uma perspectiva inovadora sobre gestão de risco começa a despontar. As autoridades mundiais em gestão de riscos acenam para o advento da necessidade imperiosa de se conformar às exigências de um mercado sempre em transformação.

O principal é prevenir, mitigar ou recuperar das crises que venham a propagar. Contudo, não se pode esquecer que também é importante considerar os riscos indissociáveis do sucesso e que, desse modo, podem se transformar em oportunidades.

Para as empresas de sucesso, ferramentas de ponta são imprescindíveis no processo decisório. Uma caixa de ferramentas desse porte implementa o que o mercado conhece como “inteligência em riscos”. As organizações que fazem a gestão de seus riscos com inteligência notam que há tolerância para alguns riscos, uma vez que sejam mapeados e monitorados. A inteligência em riscos parte da premissa de que há correlação entre risco aceitável e objetivo de negócio da empresa. Uma atitude de prontidão, constantemente avaliando o retorno do risco, e o grau de exposição, é o segredo para se alcançar o aproveitamento das oportunidades.

Segundo Susskind:

Uma organização deve inspirar confiança pelas palavras e atos de seus representantes. Embora um planejamento adequado, políticas explícitas de comunicação e treinamento de pessoal sejam úteis na preparação de uma empresa para uma crise, quando a crise vem, alguém tem de deixar o escritório, subir ao palco e comunicar-se diretamente com o público. O desenvolvimento da confiança requer um porta-voz em que se possa confiar (SUSSKIND; FIELD. 1997. p.101).

Essa nova perspectiva faz às empresas a provocação de inovar na identificação, avaliação e tratamento dos riscos. É necessário apurar o discernimento para identificar em um risco efetivamente uma oportunidade ou um perigo de grandes proporções para os objetivos do negócio. Isso se traduz no refinamento da avaliação de riscos, principalmente se forem riscos não financeiros, de cunho operacional ou estratégico.

## 2.2 Gerenciamento de crise

Toda organização está sujeita a enfrentar uma crise. “Nenhuma empresa, por mais sólida, admirada e moderna que seja, está imune à crise. Esse princípio básico da administração de crise, mesmo repetido e mais do que evidente, ainda continua esquecido por muitas organizações”. (FORNI, 2002, p. 363).

Ainda que sejam fatais, as crises são capazes de ser controladas, reduzidas e até revertidas. Para isso, torna-se essencial reconhecer quais são as fragilidades que a organização está exposta e operar preventivamente. O susto não pode existir em momento algum. Os gestores devem evitar o imprevisto que acaba frustrando e tornando a crise ainda mais complicada.

Os impasses que levam à crise são muitas vezes ocasionados por gafes, acessos explosivos, revelações de informação interna, escândalos, impactando de forma negativa a organização e levando ao prejuízo de imagem.

Susskind e Field (1997) afirmam que a transparência nas relações organizacionais com a mídia pode ser positiva para a imagem da empresa.

Revelar as informações pode gerar também um proveitoso feedback, que conduz a melhores soluções. Exercendo a franqueza, em vez de ficar na defensiva, uma empresa ou órgão pode convidar outros a ajuda-los a adotar um comportamento adequado (SUSSKIND; FIELD. 1997. p. 98).

Segundo Forni (2002), as crises dão sinais. Elas não chegam de repente. Profissionais alertas captam indícios da crise. De acordo com Jack Welch, o emblemático líder da General Electric (GE), “sua crise será exposta da pior maneira possível, que haverá mudanças nos processos e nas pessoas, que quase nenhuma crise termina sem sangue no chão e que sua organização acabará sobrevivendo aos acontecimentos com ainda mais vigor”.

Com elevado valor-notícia, os deslizes cometidos por uma instituição é prato cheio para a imprensa. Motivada por isso, a imprensa investiga fatos que ocasionam conflitos. Visto que é exigido das organizações públicas uma prestação de contas de todas as práticas e realizações, as crises nascem através de polêmicas relacionadas a acontecimentos que fogem da comum.

A mídia publica o que gera repercussão. O cuidado que tem que existir é no processo de divulgação de conteúdo. Mas a imprensa também pode ajudar no processo de recuperação de imagem, mesmo que no primeiro momento da crise, ela

seja desfavorável. A cobertura da mídia é categórica para modificar a circunstância em uma crise. Quando as fontes corroboram transmitindo confiança, há um reconhecimento da imprensa e isso pode ocasionar uma compreensão e mudança de lado, contando pontos a favor da organização.

O mundo virtual também não deve ser esquecido. Muitos boatos começam por esse campo, que não é apalpável, por isso requer uma atenção especial. As empresas precisam de profissionais capacitados a lidar com esse meio.

Segundo Forni (2002) a comunicação, na maior parte dos casos, só é solicitada quando o inoportuno já existe. Os diretores de uma organização têm que incentivar a todos que trabalham na empresa a cooperarem com o processo de resolução da crise.

O propósito do gerenciamento de crise é amenizar ou até mesmo evitar os estragos que uma crise pode causar. Administrar uma crise envolve o esclarecimento de questões relacionadas ao seu público interno e externo. A repercussão ou o aparecimento de um fato negativo, se bem administrado, pode evitar uma situação de crise e até mesmo preservar a empresa no pós-crise. “A maioria das crises de imagem, se bem administrada, pode ser superada. Mesmo a ocorrência ou divulgação de problema grave não caracteriza, necessariamente, uma crise”. (FORNI. 2002, p. 363).

Cada organização tem suas prioridades, por isso, resolver uma crise não é tão simples quanto copiar o modelo de outra empresa que obteve sucesso no caso. Pode servir como material de estudo, mas nunca se deve seguir ao “pé da letra”. A lição básica para a prevenção é não fazer o que não quer que seja publicado.

### **2.3 Como agir diante da crise?**

Mario Rosa (2001) expõe os pensamentos certos e errados que devemos ter diante da crise. Segundo ele, é correto pensar:

- “O ruim é sempre melhor que o pior”;
- “Meu interlocutor não é um idiota”;
- “Ação também é não agir”;
- “Depois da crise ainda é crise. Antes da crise, também”;
- “O desmentido é um bumerangue”;
- “Credibilidade é para gastar”;
- “Jornalista também é opinião pública”;
- “Não espere torcida. Espere respeito”;

- “As crises são sempre simbólicas”;
- “Prevenção sempre! Prevenção sempre! Prevenção sempre!”.

E os pensamentos errados em meio à crise são:

- “Estamos imunes a crises de imagem porque somos éticos”;
- “Já passei por situações mais difíceis”;
- “A crise está superada”;
- “Sou vítima de uma conspiração”;
- “Fique tranquilo”;
- “Agora não tem mais jeito”.

Para o pós-crise, é importante, segundo os autores, abrir a guarda para problemas que estão latentes.

De acordo com Forni (2002):

Pós Crise - Credibilidade não se constrói da noite para o dia. Empresários, autoridades públicas, políticos e governos constroem credibilidade com o seu passado e seu presente, com uma atuação transparente e ética com a sociedade e a imprensa. Esse background é que sedimenta uma imagem. O selo da credibilidade associado a uma empresa, organização ou pessoa resiste ao tempo e aos fatos. Quando eventualmente episódio negativo os atinge, as reações passam a ser vistas em função desse 'patrimônio' (FORNI. 2002. p. 381).

A construção e a manutenção da credibilidade passam por um longo caminho, e são construídas com trabalho árduo, sério, sem contemporizar com vantagens, sejam de que tamanho forem, em prol de conservar a imagem conquistada.

Credibilidade é imprescindível em quaisquer domínios. Os poetas precisam admitir que até mesmo o amor pode ser dispensado em um relacionamento entre pessoas, mas a credibilidade não. Ela é o alicerce sobre o qual se edificam todos os valores e, por isso, indispensável. Com maior razão, a credibilidade é requisito mandatório quando da seleção de empresas para algum trabalho. Ela será sempre um diferencial capaz de fidelizar clientes, e deixar outros critérios, como o financeiro, por exemplo, em segundo plano.

Dentro desse quadro, a imagem é como um totem a ser reverenciado, cuidado, e proclamado como símbolo do que há de mais confiável, uma referência de tudo aquilo que vale a pena ser preservado.

### 3. A CONFUSÃO COM CHICO BUARQUE

Um embate entre liberdade de informação e direito à privacidade ocasionou uma polêmica envolvendo grandes nomes da música popular brasileira e grande parte da população brasileira que se manifestou via redes sociais.

No dia 5 de outubro de 2013, Chico Buarque, Caetano Veloso, Djavan, Gilberto Gil, Milton Nascimento e Erasmo Carlos se uniram à causa de Roberto Carlos, reforçando o posicionamento contra a publicação de biografias não autorizadas. O grupo fundou o Procure Saber, presidido por Paula Lavigne. Segundo Lavigne, a intenção do grupo é exigir a autorização prévia dos biografados, ou a família deles, para a comercialização de livros. A notícia gerou uma enxurrada de críticas negativas.

Paula Lavigne em entrevista para a Revista Trip (edição 228) relata que a mídia transformou os membros do Procure Saber em censores:

Vi o poder da mídia, a ponto de nos transformar em censores [...] Ouvi muito: "Como a Paula Lavigne pode falar de privacidade se ela saiu na Caras?". A intimidade é minha! Se eu acho que estou num momento bom pra sair na Caras, eu vou sair. Mas, quando um paparazzo corre atrás de mim, ele decide sobre a minha privacidade. Não somos BBBs. [...] O que a gente queria conversar era quando um direito acaba e começa o outro. E como esses dois direitos andam juntos. (Revista Trip, 17/01/2014, edição 228).

A Anel (Associação Nacional dos Editores de Livros) se opôs à posição do Procure Saber e moveu uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, no Supremo Tribunal Federal, questionando os dois artigos do Código Civil que impedem que uma obra seja publicada sem autorização dos biografados ou de seus herdeiros.

Joaquim Barbosa, presidente do STF afirma:

O ideal seria [que houvesse] liberdade total de publicação, mas cada um assume os riscos. Se violou o direito de alguém, [o autor] vai ter que responder financeiramente. Com isso, se criaria uma responsabilidade daqueles que escrevem. Censura prévia é ruim, não é permitido, é ilegal. (Joaquim Barbosa na Conferência Global de Jornalismo Investigativo na PUC-RJ, 2013).

O deputado Newton Lima (PT-SP), autor do projeto de lei (PL 393/2011) que libera a publicação das biografias sem a necessidade de autorização prévia do biografado ou de sua família, afirma que o impedimento da publicação de biografias

de pessoas que contribuíram para a cultura do país gera um empobrecimento à história do Brasil.

### 3.1 Personagem

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1944. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e Maria Amélia Cesário Alvim, o carioca tem mais seis irmãos, dentre eles, a cantora Miúcha e a ex-Ministra da Cultura Ana de Hollanda.

Começou cedo a se encantar com a música. Em 1953, mudou-se com a família para a Itália, onde estudou em escola americana e, por isso, além de dominar os idiomas português e italiano aprendeu o inglês.

No ano seguinte volta ao Brasil, São Paulo. Ainda no colégio ele escrevia crônicas e contos no jornal da escola. A partir disso ele acreditou que poderia tornar-se um escritor. Porém, quando João Gilberto lançou o LP *Chega de Saudade* o fez mudar de ideia e investir na música.

Caetano e Gil também se renderam ao estilo musical de João e junto com Chico e outros célebres cantores integraram o primeiro time da MPB (Música Popular Brasileira).

A inspiração de Chico por João Gilberto era tamanha que em 1966 em uma entrevista ao MIS (Museu de Imagem e Som) ele assume que uma de suas primeiras composições “Canção dos Olhos” (1959) é uma cópia do estilo de João.

Em 1963, tendo que optar por um curso universitário, Chico ingressa na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), pois para música não existia boas escolas e desde criança ele gostava de desenhar cidades imaginárias.

Amante do futebol e torcedor fanático do Fluminense o carioca chegou a jogar pelo clube Atlético Juventus, em São Paulo.

Foi casado por mais de três décadas com a atriz brasileira Marieta Severo, com quem teve três filhas, Sílvia, Helena e Luísa.

Entre inúmeras composições e milhões de discos vendidos mundo a fora, acrescenta-se a ele a função de escritor, dramaturgo e ator.

A voz de Chico só chegou às lojas de discos em 5 de maio de 1965.

Compôs músicas como “A Banda”, “Roda-Viva”, “Valsinha”, “Cálice”, “Olhos nos Olhos”, grandes sucessos das décadas de 60 e 70.

Em 1966, “A Banda” divide com “Disparada”, de Theo de Barros e Geraldo Vandré o primeiro lugar no II Festival de Música Popular Brasileira. O sucesso da composição rendeu a ele a venda de 100 mil cópias em uma semana.

Tom Jobim e Vinicius eram dois de seus maiores parceiros em composições.

### **3.2 Chico e a Ditadura**

O regime militar assumiu o poder no Brasil em 1º de abril de 1964, em um golpe de Estado que derrubou João Goulart do cargo da presidência da República.

Durante pouco mais de vinte anos, opositores políticos foram presos, sofreram torturas e muitos foram mortos. No grupo de opositores, além de Chico Buarque, estavam inclusos vários artistas que faziam críticas ao governo, que tiveram de sair do país, recorrendo ao exílio para se salvar.

A liberdade de imprensa e a de expressão foi comprometida pela censura. A classe artística sofreu com isso. Contra os princípios do regime várias produções artísticas foram impedidas de serem reproduzidas, como por exemplo, a exibição de filmes como *Deus e o Diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, peças teatrais como *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel e músicas como *Tamandaré*, composta por Chico, censurada por conter frases consideradas ofensivas à Marinha.

Em 1968, Chico Buarque e outros artistas participam no Rio de Janeiro da *Passeata dos Cem Mil*, manifestação popular que ganhou apoio da classe contra a Ditadura. O Ato Institucional nº5 é instaurado em 13 de dezembro do mesmo ano. Suspendendo todas as garantias individuais. Centenas de pessoas foram presas, entre elas, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Formalmente é estabelecida uma censura à imprensa. Em consequência ao ato, Chico foi levado para o Dops (Departamento de Ordem Política e Social), para prestar depoimento sobre sua participação e sobre as cenas exibidas na peça *Roda-viva*, consideradas subversivas. Após o interrogatório foi encaminhado para um quartel do Exército, onde foi decidido que ele não poderia deixar a cidade sem comunicar às autoridades. Como já tinha uma viagem agendada para França, resolveu estender sua estadia pela Europa e morou, com Marieta e as crianças, em Roma até março de 1970.

Antes de seu exílio na Itália, um grupo do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) invade o Teatro Galpão, em São Paulo, depredando as instalações espancando atores e técnicos da montagem de Roda-viva. Na mesma época, vence o Festival Internacional da Canção, com "Sabiá", composição em parceria com Tom Jobim.

Em 1971, já de volta ao Brasil, sua canção "Bolsa de amores" é censurada sob alegação de conter uma letra ofensiva à mulher brasileira. Chico, junto com outros artistas, cancela sua inscrição no VI Festival Internacional da Canção, da TV Globo, em protesto contra a censura e a tentativa de se utilizar o festival como veículo de propaganda a serviço da Ditadura.

Chico Buarque deixou a ditadura brasileira registrada em suas canções. Ele retratava as dificuldades vividas no período. Por consequência, teve seu trabalho censurado em vários momentos. Uma das canções de maior repercussão na época foi *Apesar de Você*.

Segundo Wagner Homem (2009):

Tudo ia bem, até que uma notinha publicada num jornal do Rio de Janeiro insinuou que o "você" era na verdade o presidente Médici. Chico, já preparado, disse cinicamente que se tratava de uma mulher muito mandona. Não colou. A polícia recolheu as cópias das lojas, invadiu a fábrica para destruir o estoque, proibiu sua execução nas rádios e, de quebra, puniu o censor que deixara escapar tamanho desrespeito. (HOMEM. 2009, p. 86).

Para driblar a censura, Chico criou o personagem Julinho da Adelaide, que além de assinar três composições, *Acorda amor*, *Jorge Maravilha* e *Milagre brasileiro*, ainda concedeu entrevista para o jornal *Última Hora*, de São Paulo.

Um dos versos compostos por Chico que mais entoaram durante o período era um trecho da música Roda Viva, que reforçava a importância e a vontade da liberdade de expressão: "*A gente quer ter voz ativa / No nosso destino mandar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega o destino pra lá*".

Entre os anos 1968 e 1973, a censura e a repressão à produção cultural foi intensificada. Qualquer tipo de expressão cultural era motivo para perseguição por parte dos militares. Ao passar pelos censores, algumas palavras, frases ou expressões de músicas ou falas de uma peça, eram trocadas, por serem consideradas inadequadas. Os artistas passam a utilizar diversas figuras de linguagens e metáforas para tentarem fugir da repressão.

O movimento *Diretas Já!*, que aconteceu entre 1983 e 1984, foi de extrema importância para reverter a política de governo e tirar os militares do poder. A população foi às ruas para pedir eleições presidenciais diretas, onde o povo voltava a ter direito de eleger o governante.

Em 1985, depois de seis anos no poder, João Figueiredo é o último militar governante do país. A nova Constituição Federal passa a valer em 1988 e no ano seguinte, ocorre a primeira eleição direta para presidente, elegendo Fernando Collor.

### 3.3 Procure Saber

Dentro da questão das biografias podemos citar o grupo Procure Saber, onde autores, artistas e pessoas ligadas à música, estudam e informam os interessados e a população em geral sobre regras, leis e funcionamento da indústria da música no Brasil. E tudo que envolva esse universo.

A empresária Paula Lavigne, que gerencia a carreira de Caetano Veloso, está à frente do Procure Saber e repercutiu bastante o caso das biografias na mídia. Defendeu não só Caetano, seu ex-marido, mas falou em nome de todos que participam do grupo, como por exemplo, Chico Buarque e Gilberto Gil. Em entrevista concedida ao jornal Estado de São Paulo, Paula defendeu os componentes:

Os biógrafos não querem debater como vamos compatibilizar o direito constitucional de liberdade de expressão com o direito constitucional que garante a inviolabilidade da vida privada, da intimidade e da imagem pessoal. Eles é que estão agindo de forma antidemocrática e ditatorial. (Estado de São Paulo, 10 de outubro de 2013).

O questionamento do caso anterior é a funcionalidade de Paula Lavigne em relação ao Chico Buarque, Gilberto Gil e os outros participantes do Procure Saber. Ela, mesmo não sendo assessora ou responsável por falar em nome deles, tem embasamento para defendê-los?

Quando se trata do reflexo que uma imagem pode ter na mídia todo cuidado é pouco. Todo profissional que trata de preservar seu cliente precisa estudá-lo e colocá-lo diante de várias hipóteses, precavendo-se do pior e estando sempre preparado para enfrentar qualquer turbulência.

### 3.4 Disse me disse (Paulo César de Araújo x Chico Buarque)

Chico Buarque publicou um artigo (anexo 6) no jornal O Globo (edição 16/10/2013) no qual questionou a postura de Paulo César de Araújo, autor da biografia de Roberto Carlos (*Roberto Carlos em Detalhes*, 2006), que teve edição e venda proibidas em 2007, após ações dos advogados do cantor.

Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não. Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou. (O Globo, 16/10/2013).

Em entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, Araújo rebateu o que foi dito por Chico Buarque.

Como foi uma pesquisa de 15 anos, comecei o projeto em 1990, entrevistando quase 200 pessoas”, disse ele. “A de Chico, como tantas outras, foi filmada e também está registrada em fotos. Ele se esqueceu de que me deu aquela entrevista. (Folha de São Paulo, 16/10/2013).

Segundo Araújo, a entrevista foi realizada no dia 30 de março de 1992, na casa do compositor, no Rio de Janeiro, e na ocasião a coleta do material foi feita através de um vídeo, que existe até hoje e que foi divulgado pelo jornal O Globo (16/10/2013), como prova de Araújo contra Chico Buarque. O compositor alegou que não se lembrava de ter dado entrevista a Araújo.

Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar de Araújo, biógrafo de Roberto Carlos. Agora fico sabendo que sim, dei-lhe uma entrevista em 1992. Pelo que ele diz, foi uma entrevista de quatro horas onde falamos sobre censura, interrogatórios, diversas fases e canções da minha carreira. Ainda segundo ele, uma das suas perguntas foi sobre a minha relação com Roberto Carlos nos anos 60. No meio de uma entrevista de quatro horas, vinte anos atrás, uma pergunta sobre Roberto Carlos talvez fosse pouco para me lembrar que contribuí para sua biografia. De qualquer modo, errei e por isto lhe peço desculpas. (Folha de São Paulo, 17/10/2013).

Após a divulgação do vídeo, comprovando que realmente houve uma entrevista, onde o compositor carioca contribuiu com informações para a construção da biografia de Roberto Carlos, Chico teve direito à tréplica e pediu desculpas ao biógrafo, conforme a citação acima.

#### 4. METODOLOGIA

Para produzir um estudo de caso sobre os danos à imagem e as reações de comunicação do cantor e compositor Chico Buarque em relação ao caso das biografias não autorizadas, foram separadas as seguintes de quatro veículos, que repercutiram o episódio:

1) Chico Buarque entra no debate da proibição das biografias, critica biografia de Roberto e é rebatido por autor. Rolling Stone. 16/10/2013.

2) Chico Buarque defende privacidade de biografado em artigo em jornal. Folha de S. Paulo. 16/10/2013.

3) Chico Buarque responde ao biógrafo de Roberto Carlos 'Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar Araújo', diz o cantor em comunicado. O Estado de S.Paulo. 17/10/2013.

4) Chico Buarque pede desculpas a biógrafo de Roberto Carlos. O Globo. 17/10/2013.

5) 'O cidadão tem direito a não querer ser biografado', diz Chico Buarque. Folha de S.Paulo. 18/10/2013.

A partir disso, apresenta-se o resultado da análise do que foi dito por Chico, como personagem e fonte das reportagens.

As tabelas serão divididas da seguinte maneira:

**Tabela 1 – Observação do papel de Chico Buarque como personagem da história**

Título da reportagem	Veículo que publicou	Data	O que Chico disse	Como a reportagem tratou a imagem dele
----------------------	----------------------	------	-------------------	--

**Tabela 2 – O fato, a pró-atividade e a reatividade**

Veículo e Data de Publicação	O que foi dito	O que poderia ter sido evitado	Resolução
------------------------------	----------------	--------------------------------	-----------

Stake (1994, p.236) aborda de modo diverso este tema, advogando que os estudos de caso não se constituem como opção por metodologia, mas sim como definição de um objeto a ser considerado. Para Bruyne, Schoutheete e Herman (1991, p. 224-225), estudo de caso é uma análise intensiva realizada em organizações reais.

Segundo Yin (2001):

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas (YIN. 2001. p.32).

Este trabalho considera que um estudo de caso se prende inexoravelmente a um objeto da realidade, um fato, por exemplo, e aplica sobre ele uma análise com o objetivo de provar uma tese estabelecida a priori.

#### **4.1 Aplicação do estudo de caso para este trabalho**

A aplicação efetiva do estudo de caso em gerenciamento de crise consiste em levantar os elementos da crise, ressaltar o que é positivo e que pôde ser aproveitado, o que é negativo e precisa ser revertido, e formular uma estratégia analítica que possa ser implementada para a reversão. Para consolidação do estudo, de posse dos dados de avaliação do personagem, serão compiladas “lições da crise” em questão reunindo informações particulares e gerais sobre o tema ligado à assessoria de imprensa.

## 5 ANÁLISE

Tabela 1 – Observação do papel de Chico Buarque como personagem da história

Título da reportagem	Veículo que publicou	Data da publicação	O que Chico Buarque disse	Como a reportagem tratou a imagem dele
Chico Buarque entra no debate da proibição das biografias, critica biografia de Roberto Carlos e é rebatido por autor. <b>(Anexo 1)</b>	Revista Rolling Stone	16/10/2013	“Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não” [...] Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou.”	Desfavorável e imparcial. Chico Buarque é colocado como defensor da imagem de Roberto Carlos na história.
Chico Buarque defende privacidade de biografado em artigo em jornal <b>(Anexo 2)</b>	Folha de São Paulo	16/10/2013	“Era impossível eu ter feito tal declaração. O repórter do "JB" [que o procurou para comentar a declaração], que era também prefaciador do livro, disse que a matéria fora colhida no jornal "Última Hora", numa edição de 1971. Procurei saber, e a declaração tinha sido de fato publicada numa coluna chamada Escrache. As fontes do biógrafo e pesquisador eram a "Última Hora", na época ligada aos porões da ditadura, e uma coluna cafajeste chamada Escrache. [...] Talvez ele pudesse me consultar a respeito previamente e tirar suas conclusões. Mas só me procuraram quando o livro estava lançado. Se eu processasse o autor e mandasse recolher o livro, diriam que minha honra tem um preço e que virei censor”.	Desfavorável e irônica. Reportagem que repercute artigo publicado na página eletrônica do músico. No texto, além de trazer a defesa do cantor, também se faz referências ao passado dele como líder intelectual contra a ditadura militar nas décadas 60 e 70
Chico Buarque responde ao biógrafo de Roberto Carlos ‘Eu não me lembrava de ter dado entrevista a Paulo César Araújo’, diz o cantor em comunicado <b>(Anexo 3)</b>	O Estado de São Paulo	17/10/2013	"Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar de Araújo, biógrafo de Roberto Carlos. Agora fico sabendo que sim, dei-lhe uma entrevista em 1992. Pelo que ele diz, foi uma entrevista de quatro horas onde falamos sobre censura, interrogatórios, diversas fases e canções da minha carreira. Ainda segundo ele, uma das suas perguntas foi sobre a minha relação com Roberto Carlos nos anos 60. No meio de uma entrevista de quatro horas, vinte anos atrás, uma pergunta sobre Roberto Carlos talvez fosse pouco para me lembrar que contribuí para sua biografia. De qualquer modo, errei e por isto lhe peço desculpas”.	Desfavorável. Chico Buarque, da forma mais forte desde o início da crise, tem o prestígio abalado por um suposto esquecimento, tratado na mídia como mentira o fato de ele não se lembrar que deu entrevista para a biografia não autorizada de Roberto Carlos.

Título da reportagem	Veículo que publicou	Data da publicação	O que Chico Buarque disse	Como a reportagem tratou a imagem dele
Chico Buarque pede desculpas a biógrafo de Roberto Carlos (Anexo 4)	O Globo	17/10/2013	Quanto à matéria da "Última Hora", mantenho o que disse. Eu não falaria com a "Última Hora" (de São Paulo) de 1970, que era um jornal policial, supostamente ligado a esquadrões da morte. Eu não daria entrevista a um jornal desses, muito menos para criticar a postura política de Caetano e Gil, que estavam no exílio. Mas o biógrafo não hesitou em reproduzi-la em seu livro, sem se dar o trabalho de conferi-la comigo. Só se interessou em me ouvir a fim de divulgar o lançamento do seu livro. Não, Paulo Cesar de Araújo, eu não falava com repórteres da "Última Hora" em 1970. Para sua informação, a entrevista que dei ao Mario Prata em 1974 foi para a "Última Hora" de Samuel Wainer, então diretor de redação, que evidentemente nada tinha a ver com a "Última Hora" de 1970, que você tem como fonte".	Desfavorável, mas com destaque para a fala de Chico. Nessa ocasião, Chico Buarque volta a aparecer como ser humano que esquece e erra, tendo um tom mais ameno do que a que denuncia a "mentira" do compositor. Contextualiza-se que, na publicação, o cantor escreve artigos.
'O cidadão tem direito a não querer ser biografado', diz Chico Buarque (Anexo 5)	Folha de São Paulo	18/10/2013	"Posso até não estar muito bem informado sobre as leis e posso ter me precipitado, mas eu acho e continuo achando, que o cidadão tem o direito de não querer ser biografado, como tem o direito de não querer ser fotografado ou filmado. Me pareceu natural isso. Parece que não. Parece que essa ideia já está perdendo [espaço] na mídia, por interesses ou não por interesses, e está correndo o risco de não vingar na Justiça [...] Dizer que é censura realmente é um pouco pesado. Parece que na lei há esse conflito entre a liberdade de expressão, que é justa e louvável, e o direito à privacidade. São duas coisas que entram em conflito, e é isso que tem de se resolver na lei. Parece que a lei é ambígua - é a informação que eu tenho. Também não estou muito por dentro da legislação, posso dizer aqui algum despropósito. São as informações que tenho. Estou me baseando nelas e na minha intuição pessoal".	Desfavorável e parcial. Mais uma vez, Chico Buarque aparece como ser humano em desvantagem no duelo de versões, são exploradas as supostas contradições entre passado e presente de ideais do artista. Chico mantém posição ao lado de Roberto Carlos e, nas respostas, assume não ter informação o suficiente para um aprofundamento do tema.

Em todos os casos, Chico teve um tratamento desfavorável, por causa da negatividade do fato em si, particularmente são exploradas as relações contrastantes entre o passado de ideais libertários durante o regime militar e o presente favorável à “censura” de obras literárias não autorizadas. O artista não conseguiu dirimir dúvidas sobre a posição dele sobre o tema nem sobre a possível relação entre o pedido de impedimento da obra com os supostos interesses financeiros.

Entretanto, apenas em um dos casos, apresentado no O Globo de 17 de outubro de 2013, percebe-se na matéria um apoio velado ao artista, pelo destaque dado a sua fala em relação ao volume total do texto. Nas demais notícias, Revista *Rolling Stone*, 16 de outubro de 2013, *Folha de S. Paulo*, 16 de outubro de 2013, *O Estado de S. Paulo*, 17 de outubro de 2013 e *Folha de São Paulo*, 18 de outubro de 2013, o tratamento desfavorável do fato deu-se de modo parcial e, até mesmo, irônico. Pode-se concluir que a imagem do cantor e compositor Chico Buarque ficou prejudicada.

**Tabela 2 – O fato, a pró-atividade e a reatividade**

<b>Veículo e Data de Publicação</b>	<b>O que foi dito</b>	<b>O que poderia ter sido evitado</b>	<b>Possível resolução</b>
Revista Rolling Stone 16/10/2013	“Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não” [...] Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou”.	Chico afirmou um fato que ele próprio não sabia se era verdade.	Pedir desculpas publicamente, o que veio a ocorrer após a réplica de Paulo César de Araújo.
Folha de São Paulo 16/10/2013	“Era impossível eu ter feito tal declaração. O repórter do "JB" [que o procurou para comentar a declaração], que era também prefaciador do livro, disse que a matéria fora colhida no jornal "Última Hora", numa edição de 1971. Procurei saber, e a declaração tinha sido de fato publicada numa coluna chamada Escrache. As fontes do biógrafo e pesquisador eram a "Última Hora", na época ligada aos porões da ditadura, e uma coluna cafajeste chamada Escrache. [...] Talvez ele pudesse me consultar a respeito previamente e tirar suas conclusões. Mas só me procuraram quando o livro estava lançado. Se eu processasse o autor e mandasse recolher o livro, diriam que minha honra tem um preço e que virei censor”.	Chico afirmou veementemente que não deu a declaração, mas, na verdade, havia esquecido que ela ocorreu.	Certificar-se dos fatos antes de qualquer declaração. Toda e qualquer pessoa pública tem que ter certeza do que está falando.

Veículo e Data de Publicação	O que foi dito	O que poderia ter sido evitado	Possível resolução
O Estado de São Paulo 17/10/2013	"Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar de Araújo, biógrafo de Roberto Carlos. Agora fico sabendo que sim, dei-lhe uma entrevista em 1992. Pelo que ele diz, foi uma entrevista de quatro horas onde falamos sobre censura, interrogatórios, diversas fases e canções da minha carreira. Ainda segundo ele, uma das suas perguntas foi sobre a minha relação com Roberto Carlos nos anos 60. No meio de uma entrevista de quatro horas, vinte anos atrás, uma pergunta sobre Roberto Carlos talvez fosse pouco para me lembrar que contribuí para sua biografia. De qualquer modo, errei e por isto lhe peço desculpas".	Feito pronunciamento sem ter buscado na memória ou em documentos e artigos alguma situação que provasse o contrário de sua declaração.	Assumir que errou e pedir desculpas.
O Globo 17/10/2013	Quanto à matéria da "Última Hora", mantenho o que disse. Eu não falaria com a "Última Hora" (de São Paulo) de 1970, que era um jornal policial, supostamente ligado a esquadrões da morte. Eu não daria entrevista a um jornal desses, muito menos para criticar a postura política de Caetano e Gil, que estavam no exílio. Mas o biógrafo não hesitou em reproduzi-la em seu livro, sem se dar o trabalho de conferi-la comigo. Só se interessou em me ouvir a fim de divulgar o lançamento do seu livro. Não, Paulo Cesar de Araújo, eu não falava com repórteres da "Última Hora" em 1970. Para sua informação, a entrevista que dei ao Mario Prata em 1974 foi para a "Última Hora" de Samuel Wainer, então diretor de redação, que evidentemente nada tinha a ver com a "Última Hora" de 1970, que você tem como fonte".	Antes de qualquer declaração, Chico deveria estar preparado. Tudo que é dito pode ser usado em outros contextos.	Assumir que errou e pedir desculpas.
Folha de São Paulo 18/10/2013	"Posso até não estar muito bem informado sobre as leis e posso ter me precipitado, mas eu acho e continuo achando, que o cidadão tem o direito de não querer ser biografado, como tem o direito de não querer ser fotografado ou filmado. Me parece natural isso. Parece que não. Parece que essa ideia já está perdendo [espaço] na mídia, por interesses ou não por interesses, e está correndo o risco de não vingar na Justiça [...] Dizer que é censura realmente é um pouco pesado. Parece que na lei há esse conflito entre a liberdade de expressão, que é justa e louvável, e o direito à privacidade. São duas coisas que entram em conflito, e é isso que tem de se resolver na lei. Parece que a lei é ambígua - é a informação que eu tenho. Também não estou muito por dentro da legislação, posso dizer aqui algum despropósito. São as informações que tenho. Estou me baseando nelas e na minha intuição pessoal".	Dizer que uma pessoa pública pode optar por ser ou não fotografada ou filmada.	A imagem de Chico já está prejudicada, não cabe fazer comentários que a arranhem ainda mais.

Em ambos os casos, descritos na Tabela 2, as declarações de Chico Buarque comprometeram sua imagem. Antes de qualquer declaração, a pessoa pública precisa estar bem assessorada por um profissional que cuide de sua carreira e, conseqüentemente, de sua imagem. Tudo que é falado pode ser usado de má fé em outros contextos. Cabe ao assessor estudar todas as hipóteses possíveis e se antecipar as soluções para conseguir sair das crises. Considerando-se o exposto,

conclui-se que a imagem de Chico Buarque ficou prejudicada, mas Chico fez o correto, publicamente assumiu que errou e pediu desculpas.

### **5.1 Repercussão na mídia**

Em todas as reportagens analisadas, a imagem de Chico Buarque saiu deteriorada. A predisposição dos textos causou, primeiramente, um resgate da imagem do compositor na memória dos leitores, lembrando aqueles tempos da Ditadura Militar e, posteriormente, reforçando a contradição de sua fala nos dias de hoje.

Faltou a Chico uma melhor instrução no que diz respeito ao que ele fala publicamente. O artigo publicado pelo próprio compositor, no jornal O Globo (16/10/2013), rendeu assunto para a mídia. Chico foi “atacado” não só pela imprensa, mas pelos cidadãos que utilizam as redes sociais para emitirem suas opiniões, e até por seus fãs, que ficaram indignados com a postura de contradição do cantor. O conteúdo das redes sociais sempre está sempre disponível para assessores de imprensa, e, atualmente, é ferramenta indispensável como termômetro para se medir a qualidade da imagem dos clientes.

### **5.2 Lições da crise**

Algumas ações proativas podem ser executadas. Utilizar sistemas de monitoramento de noticiários, pois as crises sempre dão indícios de suas chegadas iminentes nas mídias. Acompanhar movimentos de públicos de interesse. Organizar treinamentos com simulações de crises, e uso de porta-vozes. Analisar vulnerabilidades. Elaborar planos de ação para gerenciar situações especiais. Treinar o pessoal empregado nos setores considerados como críticos.

Outras ações são consideradas atenuantes para as crises. Elaborar manuais de crise, e estabelecer procedimentos que orientem as ações nos casos graves, confecção do chamado “Plano de Gerenciamento de Crise”. Manter um porta-voz com qualificação e treinamento suficiente para discernir com quem está falando, o momento oportuno para falar, o conteúdo adequado, e como irá lidar com a imprensa. Preservar ao máximo a autoridade envolvida, deixando que ela se manifeste apenas quando for oportuno ou quando for inevitável, após ter definido

claramente um objetivo no âmbito de uma estratégia de ação traçada com antecedência. Alinhar tópicos para que sejam utilizados nas argumentações durante os debates nos noticiários. Criar um comitê de crise com membros da alta administração e, indispensavelmente, com assessores.

A administração de crise possui alguns fundamentos. Em primeiro lugar, se a publicidade não for desejada não se deve permitir que o fato aconteça. Contudo, se acontecer, deve-se tornar tudo público de imediato, para que não haja desgastes cumulativos.

É preciso administrar não só os fatos, mas também as versões que possam se apresentar. É necessário uma preparação prévia com argumentos firmes, pois o noticiário é um local de confrontos, onde diversos interesses pelem por espaço de divulgação. Uma boa convivência com a mídia tem de ser cultivada sempre, independente da possibilidade de acontecerem crises, pois, não é possível construir tais relacionamentos de uma hora para outra.

Uma crise não necessariamente gera o fim de uma empresa. Uma crise muitas vezes é inevitável e gerenciá-la é a melhor maneira de lidar com ela e isso se dá através de um bom relacionamento com a mídia agindo de forma transparente, segura ética administrar a versão da mídia é uma forma para preservar a imagem da empresa (FORNI, 2002, p.387).

Nunca prescindir do assessoramento de comunicação social. A crise tem de ser tratada com diligência em busca da distensão, pois a negligência com o tempo poderá escalá-la.

Assim, percebe-se que podem ocorrer erros que acabem por escalar crises. A demora na tomada de decisão geralmente é dos mais graves. Comunicação deficiente com os públicos adequados. Falta de preparação prévia. Evitar ostensivamente a imprensa, ou desaparecer. Ignorar o retorno de seus públicos de interesse. Levar em consideração a opinião do público errado. Usar de leviandade nas comunicações.

## CONCLUSÃO

Nenhuma pessoa ou organização está imune a crises. Os autores defendem que a maioria dos eventos assim pode ser evitado e também gerenciados após as deflagrações. Até mesmo os rescaldos, após os incêndios das crises, merecem e devem ser “periciados”. A verdade é que deve ser institucionalizado, quanto antes, um processo de aprendizagem que seja refinando crise após crise, acumulando conhecimentos por meio das experiências vividas. Nem mesmo os maiores ídolos estão imunes aos efeitos de perda de credibilidade. Assim, pôde-se constatar a partir das observações ao imbróglío envolvendo Chico Buarque, conhecido desde a década de 1960 como uma voz poética contra a ditadura. Para surpresa da mídia e da sociedade esse mesmo artista chegou à segunda década do século 20 defendendo restrições à liberdade de produção.

Enfim, verdades, meias verdades, escaramuças, ações diversionárias, ambiguidades, outros questionamentos no lugar de respostas, retórica persuasiva... É surpreendente a quantidade de características que podem sobrevir das lições aprendidas com as crises. É possível até estabelecer níveis de maturidade no tratamento das crises, que caracterizariam uma métrica para o processo de gerenciamento de crises de uma organização. Assim, seria possível visualizar em que situação uma empresa se encontra na capacidade de gerir crises. Daí infere-se a importância de preservar o recurso humano atuante na área, bem como o conhecimento adquirido ao longo do tempo. Sem dúvida tudo isso se constitui em ativos da organização, um patrimônio intangível que não se traduz em números, mas em soluções quando as crises se erguem.

Construir e manter a credibilidade de uma pessoa ou instituição requer habilidades que precisam ser sempre atualizadas, acompanhando o dinamismo do mundo globalizado, que sempre surpreende com mídias e tecnologias inovadoras. Apesar de tudo isso, um bom relacionamento com a mídia é indispensável. Quanto mais visceral o relacionamento, maior a chance se tem de intuir passos à frente, maiores oportunidades surgirão para tomar com oportunidade decisões acertadas e escolher pró-ativamente ações adequadas.

Atualmente, o cuidado dos profissionais tem que ser redobrado, pois a Internet é um dos maiores veículos de abastecimento da mídia. Um celular, por exemplo, em questão de segundos, permite a uma pessoa comum agir como se

fosse um jornalista com um “furo de reportagem” nas mãos, e enviar a informação instantaneamente pela Rede, alcançando um grande público.

Um bom profissional de assessoria de imprensa deve se inteirar dos avanços tecnológicos, tirar proveito do nível de maturidade de sua instituição no tratamento de crises, ser proativo, bem relacionado com a mídia, saber reverter uma crise já instaurada da melhor forma possível e, sobretudo, aprender com as crises que passam. É preciso conhecer progressivamente todos os âmbitos que uma imagem pode chegar. Nos dias de hoje, pessoas e instituições se tornam reféns das mídias caso não tenham os auspícios de uma equipe profissional de assessoria de imprensa.

O caso do cantor e compositor Chico Buarque no episódio das biografias não autorizadas tornou-se emblemático, deixando patente a carência daquela personalidade pública por uma assessoria de imprensa. O mais impactante para a sua imagem foi o contraste que suas decisões ensejaram. O estudo exemplifica, por exemplo, como a revolução digital faz com que as posições e opiniões se alastrem numa velocidade que o homem libertário da década de 60 não poderia imaginar, mas que o artista de posições titubeantes em 2013 pode se surpreender. Outras pesquisas sobre o papel da imprensa, as condições de apuração e as decisões editoriais podem ajudar a compreender os caminhos da crise, itens que foram pouco observados na presente pesquisa.

Como as crises se avolumam todos os dias, diante de um estado e de pessoas que devem ser transparentes, é necessário entender também o papel jornalístico, que pode fazer assessorias como reféns e vice-versa. Na era do fim dos segredos, cada escândalo não é só mais um, cada opinião não é esquecida, e ficam empilhadas numa estante para ser consultada pelos rápidos sistemas de busca. “O que será que será...” Assessorias dos artistas, dos entes públicos e privados têm um longo caminho para a resposta ou para a compreensão de uma crise que, sem haver agilidade e honestidade de propósitos “não tem governo, nem nunca terá”, como já diria Chico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUYNE, P. D.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. D. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.) ; VERAS, Luciara (Org.) . *Glossário de Comunicação Pública*. 1ª ed. BRASÍLIA: Casa das Musas, 2006.

FORNI, João José. Comunicação em tempo de crise. In: DUARTE, Jorge (org.) *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria técnica*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2002. p. 363-388.

HOMEM, Wagner. *História de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artur. *Assessoria de imprensa: teoria e prática*. 4.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MAFEI, Maristela. *Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHO, José Benedito. *Publicidade e vendas na internet: técnicas e estratégias*. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, Mário. *A síndrome de Aquiles*. São Paulo: Editora Gente, 2001.

ROSA, Mário. *A Era do Escândalo*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

STAKE, R.E. *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage, 1994.

SUSSKIND, Lawrence; FIELD, Patrick. *Em crise com a opinião pública*. São Paulo: Futura, 1997.

TELLES, André. *Geração Digital: como planejar o seu marketing para uma geração que pesquisa no Google, se relaciona no Orkut, manda mensagens pelo celular, opina em Blogs, se comunica pelo MSN e assiste vídeos no YouTube*. São Paulo: Landscape, 2009.

YIN, Robert K. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

### Endereços eletrônicos:

FENAJ. *Manual de Assessoria de Imprensa*. Disponível em:  
[http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual\\_de\\_assessoria\\_de\\_imprensa.pdf](http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf) -  
acessado em 13/04/2014

Revista Rolling Stone. *Chico Buarque entra no debate da proibição das biografias, critica biografia de Roberto e é rebatido por autor*. O biógrafo Paulo César de Araújo desmentiu a acusação de Chico, de que nunca teria concedido uma entrevista para o livro proibido Roberto Carlos em Detalhes. Disponível em:

<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/chico-buarque-entra-no-debate-da-proibicao-das-biografias-critica-biografia-de-roberto-e-e-criticado-por-autor/> acessado em 09/05/2014.

Folha de S.Paulo. *Chico Buarque defende privacidade de biografado em artigo em jornal*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1357349-chico-buarque-defende-privacidade-de-biografado-em-artigo-no-globo.shtml> - acessado em 10/05/2014

Estadão. *Chico Buarque responde ao biógrafo de Roberto Carlos*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,chico-buarque-responde-ao-biografo-de-roberto-carlos,1086791,0.htm> - acessado em 10/05/2014

O Globo. *Chico Buarque pede desculpas a biógrafo de Roberto Carlos*. Paulo Cesar de Araújo comprovou a realização de entrevista em 1992, que compositor afirmou nunca ter dado. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/chico-buarque-pede-desculpas-biografo-de-roberto-carlos-10401421> acessado em 10/05/2014 - acessado em 11/05/2014.

Folha de S.Paulo. *O cidadão tem direito a não querer ser biografado', diz Chico Buarque*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1358065-o-cidadao-tem-direito-a-nao-querer-ser-biografado-diz-chico-buarque.shtml> acessado em 11/05/2014.

O Globo. *Penso eu*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/penso-eu-10376274> acessado em 11/05/2014.

Estadão. *Paula Lavigne rebate acusação de que grupo quer proibir publicação de biografias*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,paula-lavigne-rebate-acusacao-de-que-grupo-quer-proibir-publicacao-de-biografias,1084315,0.htm> - acessado em 12/05/2014.

Revista Trip. *PAULA LAVIGNE*. Ela está no centro da polêmica das biografias e tem uma história e tanto para contar. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/228/paginas-negras/paula-lavigne.html> - acessado em 12/05/2014.

## ANEXOS

**Anexo 1** - Chico Buarque entra no debate da proibição das biografias, critica biografia de Roberto e é rebatido por autor. Rolling Stone. 16/10/2013.

**Anexo 2** - Chico Buarque defende privacidade de biografado em artigo em jornal. Folha de S. Paulo. 16/10/2013.

**Anexo 3** - Chico Buarque responde ao biógrafo de Roberto Carlos 'Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar Araújo', diz o cantor em comunicado. O Estado de S.Paulo. 17/10/2013.

**Anexo 4** - Chico Buarque pede desculpas a biógrafo de Roberto Carlos. O Globo. 17/10/2013.

**Anexo 5** - 'O cidadão tem direito a não querer ser biografado', diz Chico Buarque. Folha de S.Paulo. 18/10/2013.

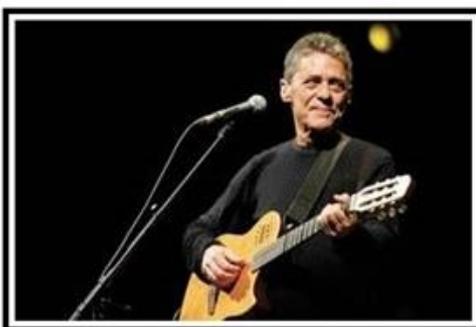
**Anexo 6** – Penso eu. O Globo 16/10/2013.

## ANEXO 1.

## Chico Buarque entra no debate da proibição das biografias, critica biografia de Roberto e é rebatido por autor

O biógrafo Paulo César de Araújo desmentiu a acusação de Chico, de que nunca teria concedido uma entrevista para o livro proibido *Roberto Carlos em Detalhes*

Curtir 32 Tweet 7



Divulgação / Mariana Vianna

por REDAÇÃO  
16 de Out. de 2013 às 19:41

Todo o debate que envolve a proibição de biografias não autorizadas ganhou um novo desfecho na manhã desta quarta-feira, 16, quando Chico Buarque, integrante do coletivo de Procure Saber, formado ainda por que reúne nomes como Roberto Carlos, Caetano Veloso, Djavan e Milton Nascimento e a empresária Paula Lavigne, publicou um artigo no jornal *O Globo*. Nele, Chico se posicionou contra a publicação dos livros que retratam a vida de pessoas públicas sem autorização

prévia delas ou da família. Ele ainda criticou o autor de *Roberto Carlos em Detalhes*, livro que teve a circulação proibida, ao afirmar que não concedeu a entrevista citada na obra.

### Músicos se posicionam contra biografias não autorizadas

“Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não”, escreveu o cantor e compositor carioca, defendendo a proibição da venda do livro de Paulo César de Araújo. “Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou.”

Chico ainda alegou ter sofrido censura por parte da TV Globo durante os anos 70. “Foi além da Censura, [a emissora] proibiu por conta própria imagens minhas e qualquer menção ao meu nome. Amanhã a TV Globo pode querer me homenagear. Buscará nos arquivos as minhas imagens mais bonitas. Escolherá as melhores cantoras para cantar minhas músicas. Vai precisar da minha autorização. Se eu não der, serei eu o censor”, escreveu ele.

### Biógrafo rebate as críticas

Paulo César de Araújo decidiu responder Chico, ao ser citado no texto. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, ele não só rebateu o que foi dito pelo compositor carioca como indicou afirmou ter provas de que a entrevista de fato ocorreu. “Como foi uma pesquisa de 15 anos, comecei o projeto em 1990, entrevistando quase 200 pessoas”, disse ele. “A de Chico, como tantas outras, foi filmada e também está registrada em fotos. Ele se esqueceu de que me deu aquela entrevista”.

De acordo com o autor, a entrevista foi realizada no dia 30 de março de 1992, na casa do cantor, na Gávea, no Rio de Janeiro. Um vídeo que mostra trechos do papo, com Chico e Paulo César dividindo um sofá, inclusive, já foi publicado pelo jornal *O Globo*. A biografia teve edição e venda proibidas em 2007, após ações dos advogados de Roberto Carlos.

### Começo de tudo

No início de outubro, no dia 5, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan e Erasmo Carlos se juntaram à causa de Roberto Carlos, que é contra a publicação de biografias não autorizadas. O grupo fundou o grupo Procure Saber, presidido pela produtora e empresária Paula Lavigne, cuja intenção é batalhar para que seja mantida a exigência de autorização prévia para a comercialização dos livros.

Anteriormente, Roberto Carlos havia tirado das lojas livros que contavam sobre sua vida sem permissão ([leia mais aqui](#)).

A notícia causou polêmica nas redes sociais e a Anel (Associação Nacional dos Editores de Livros) se opõe à essa posição, tendo até já movido uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, no Supremo Tribunal Federal, questionando os dois artigos do Código Civil que impedem que uma obra seja publicada sem autorização expressa dos sujeitos biografados ou de seus herdeiros. A Anel defende que isso fere a liberdade de expressão e o direito à informação.

## ANEXO 2.

## Chico Buarque defende privacidade de biografado em artigo em jornal

DE SÃO PAULO

16/10/2017 @ 10h48



O músico Chico Buarque entrou na polêmica das biografias não autorizadas e defendeu o direito dos artistas de "preservar sua vida pessoal" em um artigo no jornal "O Globo" desta quarta-feira.

2 quartos  
Área de lazer  
Nos melhores bairros

"Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não. Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou", diz Chico no texto.

Joaquim Barbosa diz ser a favor de biografias não autorizadas  
"Censor, en? Nem morta", defende-se Caetano sobre biografias  
Ruy Castro diz que pagaria 'diáximo' para escrever sem censura

O compositor afirma que o texto de Márcio Magalhães sobre o tema o teria levado a escrever sobre o assunto, já que ele teria "forçado a mão" ao sugerir que a lei atual "protege torturadores, assassinos e bandidos em geral".

Como exemplo de que a lei atual é adequada, Chico cita um caso que teria ocorrido com ele: diz que o biógrafo de Roberto Carlos, Paulo César de Araújo, escreveu um livro chamado "Eu Não Sou Cachorro Não" e fez constar no livro que Chico teria dito que Caetano e Gil, então no exílio, denegriam a imagem do país no exterior.



O cantor Chico Buarque durante show do cantor Carlos Carraça no Sesc Pompéia em julho deste ano

"Era impossível eu ter feito tal declaração. O repórter do "JB" [que o procurou para comentar a declaração], que era também prefaciador do livro, disse que a matéria fora colhida no jornal "Última Hora", numa edição de 1971. Procurei saber, e a declaração tinha sido de fato publicada numa coluna chamada Escraque. As fontes do biógrafo e pesquisador eram a "Última Hora", na época ligada aos porões da ditadura, e uma coluna cafajeste chamada Escraque. (...) Talvez ele pudesse me consultar a respeito previamente e tirar suas conclusões. Mas só me procuraram quando o livro estava lançado. Se eu processasse o autor e mandasse recolher o livro, diriam que minha honra tem um preço e que virei censor", afirmou Chico.

No artigo, ele também cita o caso de Gloria Perez, que conseguiu recolher das livrarias um livro feito pelo assassino de sua filha, como caso em que a lei serviu para proteger a privacidade do biografado.

No final, apesar de escrever para um veículo das Organizações Globo, Chico usa a TV Globo para fazer uma análise de como a alcunha de censor pode mudar de lado.

"Nos anos 70 a TV Globo me proibiu. Foi além da Censura, proibiu por conta própria imagens minhas e qualquer menção ao meu nome. Amanhã a TV Globo pode querer me homenagear. Buscará nos arquivos as minhas imagens mais bonitas. Escolherá as melhores cantoras para cantar minhas músicas. Vai precisar da minha autorização. Se eu não der, serei eu o censor", finaliza.

### POLÊMICA

A polêmica envolvendo a necessidade de autorização para a publicação de biografias começou após reportagem da Folha noticiar que o cantor Roberto Carlos, que é contrário à publicação de biografias não autorizadas e já tirou de circulação obras sobre sua vida, conseguiu o apoio dos músicos Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan e Erasmo Carlos em seu posicionamento.

Os sete cantores fundaram o grupo Procure Saber, que, segundo a produtora Paula Lavigne, deve entrar na disputa para manter a exigência de autorização prévia para a comercialização dos livros. Lavigne é presidente da diretoria do Procure Saber e porta-voz do grupo.

Do outro lado da discussão, está a Anel (Associação Nacional dos Editores de Livros). A entidade move no Supremo Tribunal Federal uma Ação Direta de Inconstitucionalidade questionando os dois artigos do Código Civil que impedem a publicação sem a anuência prévia dos biografados ou de seus herdeiros.

Para a Anel, as normas atuais violam a liberdade de expressão e o direito à informação.

"Usar esse argumento para comercializar a vida alheia é pura retórica", diz Lavigne. Ela ressalta que o Procure Saber é contrário à comercialização, e não à publicação, das biografias. "Se alguém quiser escrever uma biografia e publicá-la na internet sem cobrar, tudo bem. O problema é lucrar com isso".

"Usar esse argumento para comercializar a vida alheia é pura retórica", diz Lavigne. Ela ressalta que o Procure Saber é contrário à comercialização, e não à publicação, das biografias. "Se alguém quiser escrever uma biografia e publicá-la na internet sem cobrar, tudo bem. O problema é lucrar com isso", afirma.

"Essa diferenciação não existe. Os autores e editores podem produzir o que quiserem, mas não podem ganhar dinheiro com isso?", questiona Gustavo Eizenbojm, advogado da Anel. "É uma censura privada. O biografado vira o senhor da história, com monopólio da informação."

Um manifesto divulgado em setembro na Bienal do Rio, assinado por autores como Boris Fausto e Ruy Castro, diz que a proibição às biografias não autorizadas é um "monopólio da história, típico de regimes totalitários".

★ ★ ★

## ANEXO 3.

## Chico Buarque responde ao biógrafo de Roberto Carlos

'Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar Araújo', diz o cantor em comunicado

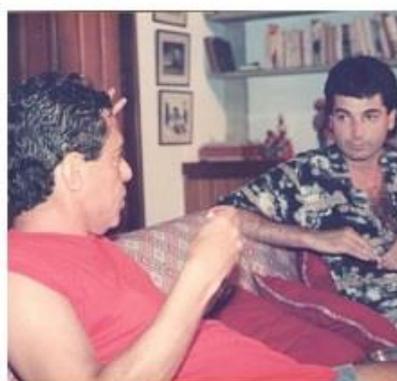
17 de outubro de 2013 | 11h 35

Notícia    A+ A-

 Enviar  Recomendar 695  Share 2  +1  Tweet 131

Julio Maria - O Estado de S. Paulo

Chico Buarque pediu desculpas ao biógrafo de Roberto Carlos, Paulo Cesar de Araújo, depois que o escritor provou, por meio de imagens de vídeo e foto, que entrevistou sim o cantor, há 20 anos. Em artigo publicado no jornal *O Globo* de quarta-feira, Chico defendia a postura do grupo Procure Saber (que luta pela manutenção da lei que obriga a autorização prévia de uma biografia) e abriu seu artigo disparando: "Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não. Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou."



Arquivo Pessoal

Em 1992, Paulo César conversa com Chico Buarque

No mesmo dia, Paulo Cesar divulgou na internet a gravação da entrevista que fez com Chico Buarque em vídeo. Chico então divulgou o seguinte texto: "Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar de Araújo, biógrafo de Roberto Carlos. Agora fico sabendo que sim, dei-lhe uma entrevista em 1992. Pelo que ele diz, foi uma entrevista de quatro horas onde falamos sobre censura, interrogatórios, diversas fases e canções da minha carreira. Ainda segundo ele, uma das suas perguntas foi sobre a minha relação com Roberto Carlos nos anos 60. No meio de uma entrevista de quatro horas, vinte anos atrás, uma pergunta sobre Roberto Carlos talvez fosse pouco para me lembrar que contribuí para sua biografia. De qualquer modo, errei e por isto lhe peço desculpas."

Paulo aceita as desculpas. "Da minha parte, isso está resolvido", diz. O assunto rendeu nas redes sociais. Muitos questionavam a memória de Chico, de como ele, que pouco dá entrevistas, seria capaz de se esquecer de uma com quatro horas de duração. Paulo não considera o lapso má fé. "Foi esquecimento."

Desde que o debate das biografias foi aberto, integrantes do Procure Saber usaram o episódio da "entrevista que Chico Buarque não deu" como argumento para o atual clima de desconfiança perante os biógrafos. Durante sua participação no programa *Saia Justa*, do GNT, Paula Lavigne citou o caso. O advogado de Roberto Carlos, durante debate no **Estado**, também.

Chico disse ainda, em seu pedido de desculpas, que não deu entrevista ao jornal *Última Hora*, de São Paulo, conforme aparece no livro de Araújo, *Eu Não Sou Cachorro Não*. "Quanto à matéria da *Última Hora*, mantenho o que disse. Eu não falaria com a *Última Hora* (de São Paulo) de 1970, que era um jornal policial, supostamente ligado a esquadrões da morte. Eu não daria entrevista a um jornal desses, muito menos para criticar a postura política de Caetano e Gil, que estavam no exílio. Mas o biógrafo não hesitou em reproduzi-la em seu livro, sem se dar o trabalho de conferi-la comigo. Só se interessou em me ouvir a fim de divulgar o lançamento do seu livro. Não, Paulo Cesar Araújo, eu não falava com repórteres da *Última Hora* em 1970. Para sua informação, a entrevista que dei ao Mário Prata em 1974 foi para a *Última Hora* de Samuel Wainer, então diretor de redação, que evidentemente nada tinha a ver com a *Última Hora* de 1970, que você tem como fonte."

## ANEXO 4.

## Chico Buarque pede desculpas a biógrafo de Roberto Carlos

· Paulo Cesar de Araújo comprovou a realização de entrevista em 1992, que compositor afirmou nunca ter dado

TOPICOS DA MATERIA: BATALHA DAS BIOGRAFIAS

Recomendar

4,1 mil

Tweet

226

+1

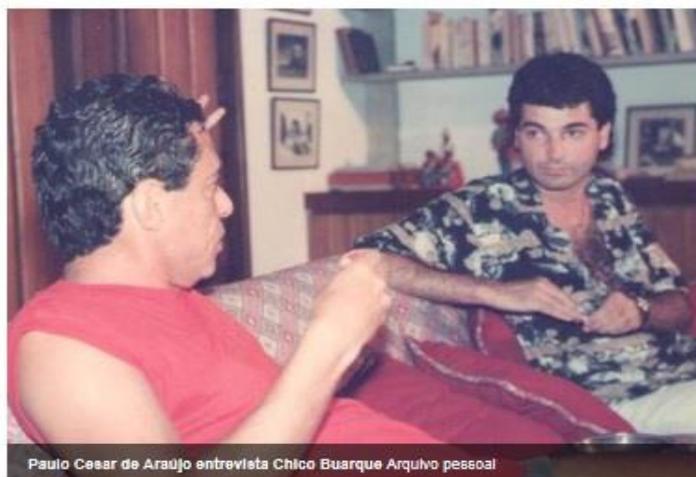
42

✉

📺

O GLOBO (EMAIL)

Publicado: 17/10/13 - 11h36 Atualizado: 17/10/13 - 13h44



Paulo Cesar de Araújo entrevista Chico Buarque Arquivo pessoal

RIO - Em artigo publicado no GLOBO na quarta-feira, criticando biografias não autorizadas, Chico Buarque negara ter dado entrevista a Paulo Cesar de Araújo. O autor de "Roberto Carlos em detalhes", obra que acabou recolhida das livrarias por desejo do Rei, deu uma resposta multimídia - em texto, foto e vídeo - para comprovar a existência da conversa.

Veja a tréplica de Chico abaixo:

### VEJA TAMBEM

- Infográfico: entenda a batalha das biografias
- Acervo O Globo: Filme de Glauber Rocha está censurado há 34 anos
- 'Chico reconheceu seu erro e não quero alimentar picuinhas', diz biógrafo de Roberto Carlos
- Exclusivo: Vídeo mostra entrevista de Chico Buarque a autor de biografia de Roberto Carlos
- Polêmica das biografias toma conta das redes
- Ana de Hollanda contraria opinião de Chico Buarque e se diz a favor de biografias sem autorização
- No 'Saia Justa', Paula Lavigne detalha posição sobre biografias

"Eu não me lembrava de ter dado entrevista alguma a Paulo Cesar de Araújo, biógrafo de Roberto Carlos. Agora fico sabendo que sim, dei-lhe uma entrevista em 1992. Pelo que ele diz, foi uma entrevista de quatro horas onde falamos sobre censura, interrogatórios, diversas fases e canções da minha carreira. Ainda segundo ele, uma das suas perguntas foi sobre a minha relação com Roberto Carlos nos anos 60. No meio de uma entrevista de quatro horas, vinte anos atrás, uma pergunta sobre Roberto Carlos talvez fosse pouco para me lembrar que contribuí para sua biografia. De qualquer modo, errei e por isto lhe peço desculpas.

Quanto à matéria da "Última Hora", mantenho o que disse. Eu não falaria com a "Última Hora" (de São Paulo) de 1970, que era um jornal policial, supostamente ligado a esquadrões da morte. Eu não daria entrevista a um jornal desses, muito menos para criticar a postura política de Caetano e Gil, que estavam no exílio. Mas o biógrafo não hesitou em reproduzi-la em seu livro, sem se dar o trabalho de conferi-la comigo. Só se interessou em me ouvir a fim de divulgar o lançamento do seu livro. Não, Paulo Cesar de Araújo, eu não falava com repórteres da "Última Hora" em 1970. Para sua informação, a entrevista que dei ao Mario Prata em 1974 foi para a "Última Hora" de Samuel Wainer, então diretor de redação, que evidentemente nada tinha a ver com a "Última Hora" de 1970, que você tem como fonte".

## ANEXO 5.

# 'O cidadão tem direito a não querer ser biografado', diz Chico Buarque

LUCAS NEVES  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

18/10/2013 © 03h00

[Recomendar](#) { 5,4 mil }
 [Tweeter](#) { 123 }
 [g+1](#) { 18 }
 [OUVIR O TEXTO](#)
[+ Mais opções](#)

O cantor e compositor Chico Buarque ensaiou nesta quinta-feira (17), em entrevista à **Folha** em Paris, um mea-culpa em relação a seu apoio à necessidade de autorização prévia de figuras célebres ou dos herdeiros destas para a comercialização de biografias. Mas voltou a defender "que o cidadão tem o direito de não querer ser biografado".

PUBLICIDADE

Assinar documento pela internet com validade jurídica é com a Certisign.

"Posso até não estar muito bem informado sobre as leis e posso ter me precipitado [...] repito: posso ter me enganado [...] se a lei está errada, se eu estou errado, tudo bem, perdi", disse ele, ao ser abordado pela reportagem na entrada do prédio da Île Saint-Louis, um dos endereços mais nobres da capital francesa, onde escreve seu novo livro.

"Entendo que alguns artistas, algum cidadão, algum ator queira preservar a sua intimidade. Não acho que isso seja uma aberração. Acho que é um direito [...] São problemas que não são levados pelo artista ao público, [questões] com que ele toma o maior cuidado. Não transforma isso em música, não escreve a respeito, quer preservar para si. Acho respeitável", completou o músico.

Daryan Dorneles/Divulgação



O cantor e compositor Chico Buarque

## ANEXO 5. (continuação)

A manutenção desse imperativo de anuência (ancorado em brecha do Código Civil brasileiro) é a principal bandeira do Procure Saber, grupo que reúne, além de Chico, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Milton Nascimento, Erasmo Carlos e Djavan, com a empresária e ex-mulher de Caetano, Paula Lavigne, como porta-voz.

Os músicos têm por antagonista a Associação Nacional dos Editores de Livros (Anel), que move desde 2012 no Supremo Tribunal Federal (STF) uma Ação Direta de Inconstitucionalidade questionando a obrigatoriedade do consentimento dos biografados. A corte deve realizar em novembro audiência pública para discutir o tema.

Depois de Chico quebrar o silêncio e publicar artigo no jornal "O Globo" na quarta-feira (16) defendendo o direito à privacidade de Roberto Carlos, que conseguiu banir livro a seu respeito em 2007, a reportagem foi procurá-lo para pedir detalhes sobre o alinhamento do compositor à agenda do Procure Saber. Esperou nos arredores do prédio dele por quase oito horas no primeiro dia, em vão. Mais tarde, o assessor do músico diria, por e-mail, que ele havia decidido não dar entrevistas, "pois o assunto já o distraiu bastante do processo de criação do novo livro".

A reportagem, no entanto, decidiu perseverar na vigília, talvez se aferrando ao sofisma costurado por Chico e Ruy Guerra à letra de "Bárbara": "Nunca é tarde, nunca é demais". Voltou, pois, ao posto de sentinela no dia seguinte. Passaram por ali turistas severamente não francófonos pedindo informações sobre a localização da vizinha Notre-Dame e um ou outro interessado nas pechinchas da também vizinha imobiliária (com destaque para o apartamento de 70 m<sup>2</sup> na Ilé ela mesma, em edifício do século 18, a R\$ 2,95 milhões).

Até que Chico apareceu a metros do portão de entrada de seu edifício, passo apressado, edição do "Le Monde" sob a axila, óculos de lente fosca. Só respondeu à reportagem ao terceiro "Chico!". Resistiu de início, dizendo já ter se pronunciado por intermédio do artigo. Mas acabou falando por quase oito minutos.

Leia abaixo a entrevista.

### **Folha - Por que aderiu ao grupo Procure Saber?**

**Chico Buarque** - Posso até não estar muito bem informado sobre as leis e posso ter me precipitado, mas eu acho e continuo achando, que o cidadão tem o direito de não querer ser biografado, como tem o direito de não querer ser fotografado ou filmado. Me pareceu natural isso. Parece que não. Parece que essa ideia já está perdendo [espaço] na mídia, por interesses ou não por interesses, e está correndo o risco de não vingar na Justiça.

Agora, o que tem que ficar claro é que nós não começamos esse movimento. O movimento para modificar a lei partiu da Associação Nacional de Editores.

O que a gente pretendia era deixar as coisas como estão, no sentido de se poder preservar a privacidade de qualquer cidadão, não me refiro [necessariamente] a artista... agora, essa é uma discussão que é até bom que seja levada adiante, mas não nos termos em que as coisas estão acontecendo. Já virou uma batalha num nível muito pessoal --e desigual.

Não adianta querer dizer que os artistas são famosos, são isso, são aquilo. Nós somos pequenos nessa briga. Repito: posso ter me enganado. Eu julgava que eu estava tendo uma posição sensata.

### **Não é natural que se o público tenha curiosidade em saber mais sobre figuras que admira, e isso inclua episódios de diferentes naturezas, tanto favorável quanto desfavorável, para que se chegue a uma visão completa?**

A mim, me pareceu --não falo nem por interesse pessoal. Quem tem interesse nisso são mais as editoras. Eu não tenho problema quanto a isso.

## ANEXO 5. (continuação)

Entendo que alguns artistas, algum cidadão, algum ator queira preservar a sua intimidade. Não acho que isso seja uma aberração. Acho que é um direito.

Me pareceu [ênfase] que era um direito. E parece que não. Então tá bom: então vai se criar um outro tipo de situação.

As biografias serão automaticamente liberadas, e os biografados poderão recorrer à Justiça para receber uma indenização que parece que não é significativa. Ou, quem sabe, para até retirar o livro de circulação.

As biografias serão automaticamente liberadas, e os biografados poderão recorrer à Justiça para receber uma indenização que parece que não é significativa. Ou, quem sabe, para até retirar o livro de circulação.

**Paulo César de Araújo sugeriu que a sua filiação ao Procure Saber, ao pleito apresentado por Roberto Carlos [pela autorização prévia para biografias], teria sido uma moeda de troca ao apoio deste à agenda pró-fiscalização do Ecad que vocês três defendem. Houve esse acordo?**

Isso é uma ilação dele. Eu, em relação ao Roberto Carlos, e ao que eu achava que era o direito do Roberto Carlos de preservar a sua vida pessoal, aspectos da sua vida que ele não queira... antes de se falar em Ecad, em Procure Saber, eu sempre tive essa opinião. Achava que ele tava certo, sim, de se proteger. [ri] Se for levar isso ao extremo, o sujeito é obrigado a deixar invadirem sua casa, fazerem fotografias [dele] de cueca, exporem sua mulher em trajes mínimos, sem poder recorrer.

[No caso do Roberto] Ele pode não querer que se fale de um casamento, de algum problema da infância. São problemas que não são levados pelo artista ao público, que ele toma o maior cuidado, quer preservar para si. Acho respeitável. Agora, se a lei tá errada, se eu tô errado, tudo bem. Perdi.

**Como encara as críticas de quem vê incoerência histórica no fato de você, Caetano Veloso e Gilberto Gil terem sido perseguidos e censurados durante a ditadura e agora adotarem uma postura que alguns entendem como defesa da censura?**

Dizer que é censura realmente é um pouco pesado. Parece que na lei há esse conflito entre a liberdade de expressão, que é justa e louvável, e o direito à privacidade. São duas coisas que entram em conflito, e é isso que tem de se resolver na lei. Parece que a lei é ambígua --é a informação que eu tenho. Também não estou muuuuito por dentro da legislação, posso dizer aqui algum despropósito. São as informações que tenho. Estou me baseando nelas e na minha intuição pessoal.

**O Procure Saber também faz lobby pelo pagamento de royalties aos biografados ou a seus herdeiros. Em nota, Djavan disse que "editores e biógrafos ganham fortunas enquanto aos biografados resta o ônus do sofrimento e da indignação". O grupo de fato acha que, no Brasil, escritores enriquecem com suas obras?**

Não acredito que seja esse o problema central. Não acredito que a reparação financeira resolva tudo, não acredito que o Roberto Carlos queira reparação financeira. Não é disso que se trata. Não se falou de dinheiro em reunião nenhuma [dos integrantes do Procure Saber], que eu me lembre. Cada um pode ter sua posição. Eu não acho que seja o momento de levantar essa questão.

## ANEXO 6.

# Chico Buarque

*Cantor, compositor e escritor*

## Penso eu

Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não

Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não. Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou.

O texto de Mário Magalhães sobre o assunto das biografias me sensibilizou. Penso apenas que ele forçou a mão ao sugerir que a lei vigente protege torturadores, assassinos e bandidos em geral. Ele dá como exemplo o Cabo Anselmo, de quem no entanto já foi publicada uma biografia. A história de Consuelo, mulher e vítima do Cabo Anselmo, também está num livro escrito pelo próprio irmão. Por outro lado, graças à lei que a associação de editores quer modificar, Gloria Perez conseguiu recolher das livrarias rapidamente o livro do assassino de sua filha. Da excelente biografia de Carlos Marighella, por Mário Magalhães, ninguém pode dizer que é chapa-branca. Se fosse infamante ou mentirosa, ou mesmo se trouxesse na capa uma imagem degradante do Marighella, poderia ser igualmente embargada, como aliás acontece em qualquer lugar do mundo. Como Mário Magalhães, sou autor da Companhia das Letras e ainda me considero amigo do seu editor Luiz Schwarcz. Mas também estive perto do Garrincha, conheci algumas de suas filhas em Roma. Li que os herdeiros do Garrincha conseguiram uma alta indenização da Companhia das Letras. Não sei quanto foi, mas acho justo.

O biógrafo de Roberto Carlos escreveu anteriormente um livro chamado “Eu não sou cachorro não”. A fim de divulgar seu lançamento, um repórter do “Jornal do Brasil” me procurou para repercutir, como se diz, uma declaração a mim atribuída. Eu teria criticado Caetano e Gil, então no exílio, por denegrirem a imagem do país no exterior. Era impossível eu ter feito tal declaração. O repórter do “JB”, que era também prefaciador do livro, disse que a matéria fora colhida no jornal “Última Hora”, numa edição de 1971. Procurei saber, e a declaração tinha sido de fato publicada numa coluna chamada Escrache. As fontes do biógrafo e pesquisador eram a “Última Hora”, na época ligada aos porões da ditadura, e uma coluna cafajeste chamada Escrache. Que eu fizesse tal declaração, em pleno governo Médici, em entrevista exclusiva para tal coluna de tal jornal, talvez merecesse ser visto com alguma reserva pelo biógrafo e pesquisador. Talvez ele pudesse me consultar a respeito previamente e tirar suas conclusões. Mas só me procuraram quando o livro estava lançado. Se eu processasse o autor e mandasse recolher o livro, diriam que minha honra tem um preço e que virei censor.

Nos anos 70 a TV Globo me proibiu. Foi além da Censura, proibiu por conta própria imagens minhas e qualquer menção ao meu nome. Amanhã a TV Globo pode querer me homenagear. Buscará nos arquivos as minhas imagens mais bonitas. Escolherá as melhores cantoras para cantar minhas músicas. Vai precisar da minha autorização. Se eu não der, serei eu o censor.

\*\*\*\*\*